



Debaixo d'água, todo mundo é igual

Reunindo alunos com e sem deficiências, Projeto Atividade Física Inclusiva promove a natação como forma de integração

A piscina da Estação Base de Rádio da Marinha, na Ilha do Governador (Rio de Janeiro/RJ), é um espaço que traduz perfeitamente o conceito da inclusão pelo esporte. Lá, as aulas de natação e hidroginástica mesclam alunos idosos, crianças, jovens e portadores de deficiências como a Síndrome de Down.

Trata-se do Projeto AFIN – Atividade Física Inclusiva, a concretização de um ideal da Profissional de Educação Física Cristine Ottoni Lourenço (CREF 009114-G/ RJ): “A inclusão que eu tinha em mente não é só das crianças especiais. Eram as senhoras e as crianças sem deficiência conviverem e passarem a achar tudo normal, natural, e levar isso para a sociedade”, explica.

A ideia do projeto tomou forma na faculdade. Para seu trabalho de conclusão de curso, Cristine escolheu como tema de monografia *A atividade física inclusiva para a pessoa portadora de deficiência mental educável* e, a partir dele, esperava desenvolver um projeto específico. “Eu fiz visando sair da faculdade e já trabalhar”, relembra.

Mas o seu contato com o assunto vem desde bem antes, no convívio próximo que tem com seu irmão Carlos Eduardo, portador de Síndrome de Down. “A gente sempre tratou o Cadu com muita naturalidade. A gente nunca deixava de ir a lugar nenhum por causa dele, por ele ter Síndrome de Down. E eu trabalho muito isso com os pais daqui também, para eles verem [seus filhos] com



essa naturalidade”, explica Cristine. Hoje, Carlos Eduardo trabalha no projeto. “Ele está se sentindo útil, eu boto ele pra ralar mesmo”, conta, rindo, a professora.

E como o projeto se concretizou? Cristine conta que teve que se munir de muita “cara-de-pau” para pedir o espaço do 17º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro (Ilha do Governador) para começar o AFIN. “Até hoje fico me perguntando como eu tive coragem!”, diverte-se. A “cara-de-pau” rendeu frutos: o comandante do batalhão concordou em ceder o espaço, onde Cristine conduziu o projeto por dois anos, de 2002 a 2004.

Ao final do convênio com o batalhão, o AFIN já contava com 100 participantes, sendo 15 pessoas portadoras de deficiência. Hoje, as aulas são ministradas na Estação Base de Rádio da Marinha para cerca de 450 alunos – desses, 70 são portadores de deficiência.

Competição

Para Cristine, a inclusão não deve, necessariamente, abolir a competição esportiva. Ela confessa que a decisão de promover um campeonato no projeto demorou a ser tomada. “Eu nunca fiz uma competição aqui porque sempre tive medo de estar com um objetivo e atingir outro, da criança se sentir excluída”.

Em outubro de 2010, o AFIN promoveu o Primeiro Torneio de Atividade Física Inclusiva, com um pódio

formado por três primeiros colocados (sem segundo e terceiro lugar) e medalhas distribuídas a todos os participantes. “Nenhuma criança, com ou sem deficiência, ficou triste porque perdeu”, conta. “Foi todo mundo naquele dia igual. Não tive um problema, vou até fazer outro [torneio]”.

Engajamento

O nível de comprometimento com o AFIN é alto, tanto por parte dos alunos quanto dos professores. Mesmo com chuva ou com a piscina interditada, os alunos dificilmente faltam às aulas, porque os professores desenvolvem outros tipos de atividade fora da água, com aparatos como bola, bambolê e corda. “Aqui tem aula todos os dias: as crianças vêm, as senhoras vêm, os profissionais vêm cumprir o horário. Eles têm prazer de vir trabalhar, não têm aquela pressa de ir embora”, conta Cristine.

O que é preciso para trabalhar com alunos com necessidades especiais? Para a coordenadora do AFIN, o perfil do Profissional de Educação Física que trabalha com atividade física inclusiva deve ter um componente primordial: a motivação. “Sem motivação fica difícil ter esse tipo de compromisso, essa boa vontade, porque é claro que vai dar mais trabalho”, analisa.

E, motivação, Cristine tem de sobra: “Eu sou uma pessoa realizada, porque consigo receber o meu salário através de uma coisa que eu sempre tive o sonho de fazer. Ainda mais com o meu irmão podendo ajudar!”. 